

## Encontros Africanos

---

Finalmente cheguei a Maputo. O desencontro com um amigo moçambicano levou-me a um alojamento no centro da cidade, numa casa transformada em 'turismo de habitação' para viajantes (e não só) quase sempre ocidentais. Com apenas três meses de actividade, eu fui o primeiro hóspede português. É uma casa dos tempos coloniais, gerida por um jovem branco, luso-moçambicano de pertença identitária ainda não totalmente resolvida, filho de uma família da burguesia colonial portuguesa, e por uma swazi, filha de pai europeu e mãe africana. Vivem na parte inferior da casa, enquanto que os clientes ocupam o piso térreo.

Espaço cosmopolita, cruzamento de pessoas, projectos e destinos, nele encontrei um acolhimento que superou, largamente, as minhas melhores expectativas. Sugestivamente chamado "The Base", ajudou-me a começar aquilo que nós, antropólogos, chamamos de imersão na sociedade que nos acolhe. Não no sentido apenas da simpatia, mas algo mais profundo, o da empatia com os outros, com aqueles que nos são estranhos, de quem nada sabemos mas queremos saber. Este desejo, profundamente humano, parece-me sempre avivado pela deformação provocada pela natureza do meu trabalho, tornando ténue, quando nos encontramos no 'terreno', a diferença entre a observação dita científica e os sentimentos pessoais. O meu caderno de campo, cúmplice inseparável das minhas observações e emoções, surgia aos olhos dos outros como a expressão mais visível desta deformação profissional que atinge o antropólogo, franqueador, como justamente lembra Christian Bromberger, de espaços e vidas privados sem que para tal tenha sido convidado.

Marcado pelos primeiros dois dias de viagem, ao longo dos quais encontrei pouco da África romântica - esse estereótipo muito presente em nós, europeus, que pouco sabemos deste grande continente a que chamamos negro -, as duas semanas na 'base' foram vividas com enorme intensidade. A preparação da minha deslocação para o local principal da investigação decorreu em simultâneo com a descoberta da cidade e das suas gentes.

A pé ou de 'chapa' - carrinhas de nove lugares que servem para transportar 15 e até 20 passageiros, paradigma da desregulação selvagem imposta a Moçambique pelas instituições do 'consenso de Washington' -, meti-me, pouco a pouco, na cidade. Sempre, sempre o contraste, como se, a nós, ele se colasse com uma qualquer cola invisível produzida por um génio louco. Partindo do centro, qualquer itinerário conduzia-me, irremediavelmente, às zonas perigosas da cidade, onde a pobreza faz par com a violência. Mesmo nas zonas civilizadas, mormente nas imediações dos ótimos restaurantes onde se pode fruir algo dessa África que aprendemos, em boa medida, a fixar nas salas escuras do cinema, e dos animados bares, prenhes de mestiçagem étnica e cultural, esbarramos com crianças e jovens, não raro famintos e consumidos pela doença, uns tentando vender qualquer coisa, outros pedindo somente alguns meticais.

Encurralado em emoções contraditórias, fui-me afeiçoando à cidade. Apesar dos passeios esventrados, do lixo acumulado nas ruas, da privação extrema e do sofrimento ao virar de cada esquina - provas para a condenação, sem perdão, do conluio entre os senhores do mundo e as elites africanas, desinteressadas da sorte dos seus povos, porque estão, como aqui se diz, somente preocupadas com a acumulação -, empreendi a árdua aprendizagem de viver uma nova vida num lugar que, ao contrário do turista, queremos senti-lo como nosso, mas que sabemos que a ele pertenceremos apenas transitoriamente e, fatalmente, de uma forma sempre incompleta e imperfeita.

**Fernando Bessa Ribeiro**  
UTAD-Chaves,  
fbessa@utad.pt